

INFÂNCIA E EDUCAÇÃO INFANTIL: HISTÓRIA, DESAFIOS E REFLEXÕES NO CAMPO DE PESQUISA

Lucimar Gracia Ferreira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
lucimargracia@hotmail.com

Lúcia Gracia Ferreira

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB
luciagferreira@ufrb.edu.br

Denise Aparecida Brito Barreto

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
deniseabrito@gmail.com

Daiane Santana Teixeira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Daiane2010@hotmail.com

Resumo: O artigo teve por objetivo refletir sobre a infância, a criança e a educação infantil e observar as atividades realizadas em sala de aula, a interação e relação entre professor/aluno. A infância, como historicamente construída, tem no resgate de suas origens a base do entendimento da criança de hoje e da educação que a ela está sendo oferecida. Este estudo traz dados, coletados através de observação, de uma pesquisa de campo realizada em uma escola pública de Educação Infantil, no ano de 2015. Os dados demonstraram que a escola não atende adequadamente as necessidades da educação infantil e das crianças ali inseridas. Portanto, este nível de ensino ainda carece de atenção e mudanças para promover uma educação transformadora.

Palavras-chave: Criança. Educação infantil. Infância.

Introdução

Este artigo objetiva realizar uma reflexão sobre a infância e seus postulados, a criança e a educação infantil. Essa breve discussão foi possível através de leituras de autores como Sodré (2002), Kramer (2003), Lopes (2005), Farias (2005), Orofino (2005), Sarmiento (2007), entre outros, e os dados coletados através da observação. O debate volta-se para questões como conceito

de infância, história da criança, a educação infantil como contraditória e a educação atual. Nesse trabalho, surgem alguns pontos de reflexão que se tornam atrativos para a leitura e o debate.

Postulados da infância: retrospectivas

Segundo Castro (2008, p. 4) o termo infância em latim “é *in-fans*, que significa sem linguagem”, ou seja, aquele sem racionalidade, que não podia falar. A infância “tem sofrido ao longo dos anos um processo intenso de ocultação” (SARMENTO, 2007, p. 25) e, por essa razão, o interesse por estudos e pesquisa sobre o tema têm surgido com bastante frequência. A história da infância tem sido estudada a partir de Áries (1978) e seus estudos se tornaram referência nesse campo.

Na Idade Média e pré-modernidade havia a ausência da consciência de infância. A infância é um conceito histórico-social que até hoje não é praticado. Na modernidade também surge o sentimento de infância e nesses tempos fala-se das imagens sociais da infância, a partir de duas crianças – a pré-sociológica e a sociológica, nesse momento, também, a infância se cristaliza, assumindo um caráter distintivo e fase do desenvolvimento humano.

O significado de infância está ligado as transformações sociais, culturais, econômicas etc. da sociedade, em determinado tempo e lugar. A infância, assim, vem sendo descrita como condição da criança.

Ao falarmos de infância estamos falando de várias infâncias e de vários olhares sobre elas. Estatísticas mostram que o que determina a infância que cada criança vivenciará é a sua condição financeira. Na realidade, existe uma relação entre o passado e o presente e, por essa razão, precisamos resgatar a história para pensarmos a nossa realidade. Tudo isso nos leva a reflexão e a entender a necessidade de se educar contra a barbárie (KRAMER, 2003).

A infância, a idade da inocência, apresenta a criança como tábula rasa, na concepção de Locke (1999), e o futuro desta criança depende da infância que ela terá. Ela passa a ser vista como um ser incompleto, ou seja, nega-se a ela o direito de revelar os seus conhecimentos e as suas aprendizagens e, deste modo, percebe-se a exclusão da cidadania da infância.

A cultura está presente e delinea o desenvolvimento da criança, desta forma, precisamos pensar as experiências da cultura. Por direito, os valores culturais da infância devem ser assegurados através das políticas públicas. A política de cultura para a infância e o resgate da experiência da cultura são pontos ainda de reflexão, pois vivemos um processo de desumanização. Nesta perspectiva, a infância remete ao homem, através da história, “porque se há uma infância, se o homem é um ser histórico, é só porque existe uma infância do homem” (KRAMER, 2003, p.104).

O desaparecimento do conceito de infância é uma realidade e está relacionado ao desmoronamento do conceito de homem como sujeito da história. Mas, o conceito infância ainda prevalece. Este conceito não desapareceu no sentido literal, ele vem sofrendo mudanças que têm levado a mudança de sua identidade.

Kramer (2003) deixa claro que acredita no resgate do conceito de infância e que este ainda será praticado. Vimos uma evolução e, conseqüentemente, uma alteração do conceito de infância - um conceito socialmente construído ao longo do tempo.

É perceptível que as descobertas científicas da sociedade capitalista urbano-industrial possibilitaram a diminuição da mortalidade infantil e o “era uma vez...” foi sufocado pela atuação da criança no mercado de trabalho. Por causa da mortalidade infantil o número de crianças foi reduzido e somente quando isso acontece é que há uma comoção. Essa mudança proporciona àquela criança atendimento especial, atenção que outrora não existia, isso devido a exploração da mão de obra infantil, que se torna mais intensa e mais farta, fortalecendo, assim, o sistema capitalista que visa mais o lucro do que as questões sociais (SODRÉ, 2002).

Essa sociedade capitalista, mais fortalecida, promove e continua a promover mudanças nas relações sociais, apoiando a divisão de classe e acentuando a desigualdade social. As desigualdades de oportunidades levaram as crianças a receberem uma educação diferenciada, separando a educação da classe dominante da classe subalterna. A educação oferecida era voltada para a produção, ou seja, para o mercado de trabalho. A criança era um ser economicamente viável. Esse é o discurso produzido a partir da revolução industrial. A educação para o estímulo, a criticidade e criatividade não existia. Assim, a classe subalterna, cansada de ser humilhada busca formas de melhorar de vida e chegar ao poder.

Alguns fatores são fundamentais para o entendimento do conceito de infância: o fator tempo e a nova natureza infantil. As desigualdades perduram ao longo do tempo e vemos, de um lado, o alargamento da infância das classes dominantes, que não se tornavam adultos precocemente e brincavam até quando podiam, e, de outro lado, o encurtamento da infância das classes subalternas que entravam no mercado de trabalho precocemente, sem permissão de usufruir de sua infância. Assim, a origem social determina a infância que as crianças terão. Lembremos que a criança é um sujeito da história e da cultura (SODRÉ, 2002). A criança é um ser culturalmente construído, produto e produtor da cultura, em busca da cidadania e da sua inserção na sociedade. Constrói-se uma nova imagem da criança. Sabemos da criança o que uma cultura adultocêntrica tem mostrado e dito como verdade (SARMENTO, 2007).

A criança é também um ser biológico e no seu desenvolvimento recebe a influência da hereditariedade e do meio. Esse meio proporciona-lhe interações e comportamentos que delineiam o seu desenvolvimento social. Inicia-se o século XX e muitas coisas se modificam. E o que mudou sobre a infância? As discussões sobre as crianças ascenderam-se. E os homens pensam: “Se dermos voz as crianças o que vamos ouvir? O que vai mudar?”. E a própria condição de dar voz e atenção a essas crianças trará como resultado o seu potencial criativo e o limite do conhecimento delas, pelos adultos. Talvez isso seja um passo importante para a construção de uma sociedade mais igualitária, voltada para a inclusão social, pois muitas estão inseridas na pobreza pela desigualdade social e pela carência de políticas públicas. Ela é um ser excluído politicamente.

Direitos legais da criança são instituídos através da Constituição Federal de 1988 e surge, ainda no ano de 1990, o Estatuto da Criança e do adolescente (ECA). Vemos avanços das políticas públicas para a infância, mas, ao longo desses 20 anos, desde o surgimento da constituição (e antes), muitos desses direitos ainda são negados, sendo direitos de papel. Essa é a nossa sociedade: preconceituosa, desigual e mesquinha, que consegue tirar das crianças os direitos conquistados historicamente e que ainda nem lhes foram dados, permanecem, ainda, no papel.

Educação infantil: entre o resgate da infância e a sua negação

A criança deveria ser compreendida como sujeito que constrói conhecimento em sociedade, transformando e sendo transformada. Nesse processo de transformação, de interação, de construção, não poderíamos deixar de abordar como experiência fundamental e importante, na educação Infantil, o espaço da escola.

No âmbito da história da infância nos deparamos com a roda dos expostos, a exploração da mão de obra infantil, assédios sexuais, o soldo, as torturas, preconceitos, fome, escravidão, falta de cuidados, a falta de urbanização como fator de aumento da mortalidade infantil, entre outros fatos vividos por crianças que a História do Brasil não relata nos seus livros didáticos e que nos leva a questionamentos como: o que é ser criança? Que criança tinha (tem) direito a educação no Brasil? (LOPES, 2005). Como podemos falar de cidadania e direitos da criança num país que se diz democrático e que na prática é elitista? Sendo assim, quem poderá fazer valer os direitos da criança? Quem vai fazer funcionar as políticas públicas? Que criança será cidadã no Brasil? Dizem que criança tem direito a educação. A história nos mostra que elas “tinham” mesmo direito à educação que se iniciou com a rigorosa educação jesuítica, onde a proposta era de educar para a fé católica e para a submissão. As concepções de infância da Igreja Católica estavam ligadas à criança mística e a criança que imitava Jesus (FARIAS, 2005).

Nesta educação jesuítica, os métodos de ensino eram para formar as elites do Brasil. Então, as crianças não eram bem vistas? Mas, não há por aí um discurso de que as crianças são o futuro do Brasil? Se não sabemos, só sabemos que a maioria dos direitos a elas atribuídos são direitos de papéis. Nesse contexto vemos, hoje, que as crianças se tornaram miniaturas de adultos. Assistimos as crianças - sujeitos da história e da cultura, que carregam em si marcas da sociedade em que vivem – tornarem-se mais frágeis e vulneráveis às questões vãs deste mundo; observamos a infância perdida e rastros de uma identidade que foi e continua sendo maltratada. A educação ainda não foi capaz de dar a criança o valor que ela de fato tem.

O mundo evolui, progride, avança e molda sujeitos, entre estes estão os sujeitos da infância. A cultura midiática chega e leva a mudança de comportamentos, de hábitos e atitudes. A globalização e tudo que a acompanha é irreversível. As crianças têm sofrido forte influência da televisão, nos seus aspectos culturais, que acaba trazendo uma nova cultura e uma nova forma de

mediação. Há um jogo de mercado na produção, há uma influência da mídia no que se produz para crianças e adolescentes (OROFINO, 2005).

A escola concorre com a televisão? Com a internet? O que as escolas têm feito nesse aspecto? Se as crianças não são mais as mesmas, as mesmas escolas servirão? É necessário rever a educação para as crianças deste século. É preciso rever as propostas de mediação da educação escolar, pois a indústria cultural produz o que lhe é conveniente, mesmo que não seja adequado para as crianças e os adolescentes, os processos de mediação se desencadeiam a partir de uma série de fatores que têm relação com a classe social, o gênero, a raça, a etnicidade, a geração, a religião, a visão política, a família, a cultura de bairro, a cultura de pares na escola, a própria escola (OROFINO, 2005).

A escola, através da educação oferecida, não tem alcançado sucesso nas tentativas de resgatar nossas crianças da realidade social que as imobilizam. A educação escolar oferecida à criança deveria ser “infantil” e deveria proporcionar-lhe a alegria de ser criança. Mas vemos na educação “infantil” um contraste que está entre o resgate da infância e a sua negação. Ao mesmo tempo em que essa educação proporciona prazer, valorizando as novas culturas infantis - muitas dessas “torpe”-, também sufoca ainda mais a identidade da infância. Somos contraditórios, falamos que a infância é a fase para ser vivida com prazer, lazer, harmonia, qualidade de vida etc. e, no entanto, não oferecemos nada disso as nossas crianças. Educação Infantil é Educação Básica, ou seja, é preciso que nela a criança experimente as sensações que a infância pode lhe proporcionar na interação com as outras pessoas.

A criança é um ser biológico e social que depende da mediação de outras pessoas para a aquisição de competências. Somos convidados a olhar a infância com o olhar da criança. Quem sabe o que as crianças querem são elas próprias e não os adultos. É a criança que vai nos ajudar a entender quem elas são. As crianças podem dar muitas contribuições para a melhoria da Educação Infantil, se as questionarmos elas apresentarão caminhos. Portanto, compreender o olhar da criança é contribuir para a formação da sua sensibilidade, incentivando, criando oportunidades para que elas se expressem, construam e cresçam com suas experiências, adicionando as possibilidades de melhor interação e entendimento da realidade. A proposta aqui exposta

possibilita uma tentativa de ressurgimento da condição latente da infância, sufocada pela realidade. A escola tem, também, essa responsabilidade.

Educação Infantil: pesquisa de campo

O conceito de criança e infância varia conforme a sociedade, ou seja, a cultura, o momento histórico e o contexto social na qual estão inseridas. Sendo que “criança” como ator-social e sujeito cultural protagoniza sua história e constitui a sua infância, compreendida como categoria geracional que não está dissociada da cultura dos adultos e das estruturas sociais. Castro define que “para outros, a infância é uma etapa da vida onde a criança é considerada um adulto em miniatura, [...] outros ainda consideram a infância como uma fase em que a criança vai ser preparada para o futuro” (2013, p. 1).

Assim, existem múltiplas infâncias e não podemos cair no erro de categorizar que todo ser humano teve ou vive uma mesma infância; isso dependerá da classe social, a cor da pele, a sociedade onde ela está inserida e a sua cultura.

A Educação Infantil é como se constitui e se organiza, faz-se necessário, na escola, pensar o espaço físico de maneira a possibilitar o ensino-aprendizagem, além de opinar sobre a possibilidade de organizar esse espaço através de temas caracterizadores, os quais permitem a exploração da fantasia e da imaginação pelas crianças. Esta organização dependerá da proposta de planejamento previamente construída, devendo ser um lugar amplo, claro e arejado, que contenha brinquedos adequados a sua faixa etária.

Percebe-se que o brincar e o jogar constituem-se como importantes fontes de desenvolvimento e aprendizagem, pois possibilita ao aluno apropriar-se de conhecimentos e habilidades no campo da linguagem, da cognição, dos valores e da sociabilidade. É importante observar que no brincar e no jogar as crianças tornam-se autoras de sua experiência social, estabelecem diálogos, organizam com autonomia suas ações e interações, construindo regras de convivência social e de participação nos jogos e brincadeiras. Por isso que a escola deve proporcionar a estas crianças espaços adequados para sua constituição.

Nesse contexto, buscamos investigar uma escola pública de Educação Infantil do município de Itapetinga-BA, no período de março e abril do ano de 2015. A escola está localizada num bairro periférico e funciona em dois turnos, atendendo alunos do Pré I ao 1º ano da Educação Infantil. Sua estrutura física é composta por 7 salas, com 25 alunos em cada uma delas, 3 banheiros, 1 cozinha, 1 sala da direção, 1 sala de professores, 1 sala da secretaria, 1 biblioteca, 3 depósitos (merenda, material didático, material de limpeza), os corredores que dão acesso as salas de aula, 1 pátio no fundo da escola. Faz parte da sua equipe uma diretora, uma coordenadora pedagógica, dez professoras, uma secretária, duas cozinheiras, três zeladoras e quatro vigias.

A pesquisa de campo teve como objetivo observar as atividades realizadas em sala de aula, a interação e relação entre professor/aluno e refletir sobre o que foi observado. Durante a observação, que não ocorreu somente em sala de aula, notificamos a estrutura física da escola como o espaço, sua organização e rotina diária.

Notamos que a escola tem uma estrutura bem organizada, mas deixa a desejar no que se refere aos Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de Educação Infantil. Para isto:

A construção de uma unidade de Educação Infantil demanda planejamento e envolve os estudos de viabilidade, a definição das características ambientais e a elaboração do projeto arquitetônico, incluindo o projeto executivo, o detalhamento técnico e as especificações de matérias e acabamentos (BRASIL, 2006, p. 9).

No que tange esses detalhes a escola tem uma área externa que oferece perigo para as crianças, pois de um lado é rodeada de terreno montanhoso e por outras extremidades com suas partes baixas. Há uma necessidade de melhorar a área externa da escola, bem como disponibilizar brinquedos e construir um parque infantil, pois estamos trabalhando as partes afetiva, motora, coletiva e social das crianças.

A biblioteca é um dos lugares mais importantes, embora sejam poucas as escolas que a possui, não vimos nos dias observados, nenhuma criança naquele espaço. A área externa da escola é de uso coletivo, todas as segundas eles (os alunos) ficavam em fila nos corredores da escola com a mochila nas costas, num calor insuportável, para cantar o hino de Itapetinga e parabenizar os aniversariantes da semana, este tempo varia entre 15 a 20 minutos.

A sala de aula possuía vários desenhos coloridos que serviam de estudo, mas era escura e abafada (o único ventilador não consegue deixar a sala com temperatura agradável) e as duas janelas existentes não são suficientes para a entrada de ar. Há na escola um banheiro masculino e outro feminino, ambos são inadequados para a educação infantil. Para Frison (2008, p. 169):

A estruturação do espaço físico, a forma como os materiais estão dispostos e organizados influenciam os processos de ensino e de aprendizagem e auxiliam a construção da autonomia, da estabilidade e da segurança emocional da criança. Para bem desenvolver sua identidade, é fundamental que ela sinta-se protegida e esteja inserida em um universo estável, conhecido e acolhedor. Os espaços são concebidos como componentes ativos do processo educacional e neles estão refletidas as concepções de educação assumidas pelo educador e pela escola.

Observamos que as crianças cantam músicas e passam pelo processo de memorização de números, letras, formas geométricas, cores, que estão estampados na parede e o quadro negro ainda é verde e a professora utiliza o giz para escrever. A merenda é servida na sala e, normalmente, as crianças saem para o recreio dia sim, outro não, para brincar, pois esse momento é dividido entre os alunos maiores e menores para que não ocorram acidentes, porém, observamos que nesses momentos não há a presença de um adulto para orientar as crianças.

Na escola o planejamento é realizado quinzenalmente. O Projeto Político Pedagógico é “entendido como a própria organização do trabalho pedagógico da escola como um todo” (VEIGA, 1995, p. 11), e deve ser atualizado a cada dois anos, porém, a Proposta Pedagógica da rede municipal, planejamento anual que encontramos na escola, está com a data de 2010. A falta de atualização do Projeto prejudica o trabalho da escola com relação a orientação de possíveis intervenções que pudessem favorecer o seu trabalho e, também, acreditamos que fragmenta suas ações no processo de ensino-aprendizagem.

A escola atende cinco alunos com necessidades especiais, mas não há laudo médico que comprove suas deficiências, assim, a escola não pode exigir do município aquilo que é de direito dessas crianças, ficando fora do projeto de inclusão.

Quanto à avaliação, consideramos ser o termômetro para os professores que através da observação diária saberão se as crianças estão atingindo os objetivos propostos e determinados pelo planejamento. Enfatizo que os instrumentos de avaliação como a observação, registro e

portfólio, são de fundamental importância na construção de novos conhecimentos. Segundo Jussara Hofmann (1992, p. 32), “a avaliação é a reflexão transformada em ação, não podendo, portanto, ser estática nem ter caráter sensitivo e classificatório”. O professor que avalia deve refletir sobre suas ações, não fazendo julgamento precoce sobre a capacidade e desenvolvimento do aluno. A avaliação consiste em observar o momento em que cada ação é realizada, avaliando as formas de realização e objetivos alcançados.

É notório que o processo de ensino-aprendizagem da Educação Infantil precisa ser levado mais a sério por nossos governantes e por quem participa da educação em nosso país, pois sabemos das dificuldades do dia a dia em sala de aula. Ainda são vários os caminhos a serem percorridos para que as mudanças ocorram dentro das escolas, possibilitando aos alunos uma educação de qualidade, bem como um espaço físico adequado, com profissionais qualificados.

Precisamos pensar, de forma madura, sobre o espaço e o tempo na Educação Infantil como meio para o desenvolvimento da criança. Passamos a enxergar a organização da sala não mais apenas como meramente estética, mas de modo a conceber uma proposta de aprendizagem.

Considerações Finais

O espaço de Educação Infantil deve levar a criança a perceber o que ocorre a sua volta e consigo mesma. Para isso é preciso que ela seja envolvida com diversas linguagens e a escola deve valorizar o lúdico, as brincadeiras, as culturas infantis. A infância ainda existe, mas a sua identidade tem sofrido mudanças. Por isso, diante de tantas transformações, a Educação Infantil que precisamos colocar em prática deve estar voltada para o resgate da humanização, socialização, solidariedade, ações coletivas e, como sabemos, ela ainda é um desafio para todos nós.

Referências

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

BRASIL. Ministério da educação. Secretaria de educação básica. Parâmetros básicos de infraestruturas para instituições de educação infantil. MEC, 2006.

CASTRO, M. G. B. de. **Noção de criança e infância: diálogos, reflexões, interlocuções.**

Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ. Acessado em

http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais16/sem13pdf/sm13ss04_02.pdf 15-04-2015.

FARIAS, M. Infância e educação no Brasil nascente. VASCONCELLOS, V.M (org). **Educação da Infância: história e política.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.33-49.

FRISON, L. M. B.. O espaço e o tempo na Educação Infantil. **Ciências e Letras** (Porto Alegre), v. 43, p. 169-180, 2008.

HOFFMANN, J. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade,** 1992.

KRAMER, S. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In: BAZÍLIO, L.C; KRAMER, S. **Infância, Educação e Direitos Humanos.** São Paulo: Cortez, 2003.p.83-106.

LOCKE, J. Ensaio acerca do Entendimento Humano (Série – Os Pensadores). Editora Nova Cultural, São Paulo, 1999.

LOPES, J.J.M. Grumetes, pajens, órfãs, do rei... e outras crianças migrantes. In: VASCONCELLOS, V.M (org). **Educação da Infância: história e política.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 13-31.

OROFINO, M.I. Cultura midiática e mediações no espaço escolar. In: OROFINO, M.I. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade.** São Paulo: Cortez, 2005. p. 39-66.

SARMENTO, M.J. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, V.M. R; SARMENTO, M.J. (orgs). **Infância (in) visível.** Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007. p. 25-49.

SODRÉ, L.G.P. Criança: a determinação histórica de um cidadão excluído. **Educação & Contemporaneidade.** Salvador, v. 11, n. 17, p. 65-72, jan./jun. 2002.

VEIGA, I. P. A. (Org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível.** Campinas - SP: Papirus, 1995.